

Redacção, administração
e Officinas-tipográficas

Avenida Agostinho Pinheiro

AVEIRO

Decano dos jornais portugueses

fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,"

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.
Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispendir com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originaes

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$40; na 5.ª e 6.ª 30; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linémetros cp.ºs 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10% nas publicações ou impressos feitos nas nossas Officinas-tipográficas.

Neste mês, há as seguintes feiras:

Alcobaça, em 6 e 25; Pombal, em 9 e 25; Penafiel, em 10 (gado bovino e cavalari, dura três dias); Arcos de Val-de-vêz, em 12; Ponte do Arneiro (Alvaizere) e Várzea (Felgueiras) em 23; Altér do Chão, Fundão, Pereiro (Alcoutim), Pergulho (Proença-a-nova), Santo António das Areias (Marvão—durante três dias), S. Marcos (Braga) e S. Marcos do Campo (Reguengos), em 25; Sr.ª da Luz (Miranda do Douro) Olhão e Golegan (dura 15 dias), em 30; 4.º domingo, em Moita; último domingo, em Grândola; todo o mês S. Lázaro (Porto); e os mercados seguintes: Penafiel, em 11 (2 dias) e Alcobaça e Pombal, em todos os domingos.

Recortámos de *O Mundo* dia 9:

«Demos um dia destes a noticia de que a empresa de *A Monarquia*, defuncto orgão do chamado integralismo lusitano, publicou um numero da gazeta para, em conformidade com a lei, garantir a propriedade do titulo. Agora lêmos num jornal de Aveiro, onde havia dois jornalecos integralistas, que já não ha nenhum; tendo suspendido a sua publicação, ha meses, o que se publicava em Agueda, acaba de desaparecer tambem o que se publicava em Anadia. Pelos modos, a causa de D. Duarte Nuno não tem vento de feição e se não deu já a alma ao Creador não deve tardar a espichar de todo. Pois é penal! Uma rapaziada tão aguerriada...»

Com grande surpresa vimos que appareceu um *escritor da Batalha* a defender... o que, leitores? O bolchevismo? O anarquismo? Não, leitores. O... incesto.

Grande foi a nossa surpresa, mas mais surpresos ainda ficámos vendo o pouco caso que ao facto ligaram as gazetas.

Foi já apreendido o folheto—diz-nos *O Mundo*, que foi o que mais se salientou na sua condenação, seguindo uns belos e rígidos principios de moralidade. Foi apreendido.

E' pouco. O seu autor devia ser pronunciado, julgá-lo e con-

E COM TÍTULOS NOVOS SE ILUSTROU

(Lustadas—X, C XLIV).

Dão-nos as jornais do Porto a noticia de que Gago Coutinho e Sacadura Cabral, secundados por outros illustres aviadores, estudam já a rota a seguir numa nova viagem aérea, agora à volta do mundo.

Em homens tais, a ideia é a base—tudo mais são por menores dum plano que breve veremos definido.

Árdua empreza, pelo mar já encetada por um português também, erçada, certamente, de dificuldades, de inúmeros perigos, fundo pégos, é talvez em 1 de Agosto próximo—data em que Fernão de Magalhães, em 1519, embarcou para a sua viagem de circumnavegação—que os nossos heróicos aviadores vão começá-la.

Portugal!... Ditosa Pátria, que tais filhos tem! Raça mil vezes sublimada, génio aventureiro consagrado, que não conhece impossiveis, que conquista o inexpugnável!

Foi no século XV, quando mais forte se afirmava a nossa vitalidade, quando a nossa independência se consolidara definitivamente, que começaram as descobertas. A um período de apatia, a largos anos de decadentismo, succedeu-se o turbilhonar do bravo sangue português, estuando no mais fervoroso e puro patriotismo.—Em nós, é a intrepidez guerreira e a ânsia das descobertas, a febre contínua e ingente dos grandes empreendimentos que marcam a renascença do sentimento, o sentimento da força, a força nobre da alma.

E nós somos como as pombas, que habitando em pequeninas casa, onde fazem vicejar o seu lial amor, mal rompe a aurora em seu carro de rodas de ouro logo abrem as azas, sequiosas de luz, ávidas da amplidão imensa.

Portugal, é pequenino. E que amor lhe temos! Não nos seduzem, como nunca seduziram portugueses, as largas vastidões dum colossal império.—E' que nós queremos poder ver—os todos os dias uns aos outros, e uns com os outros viver.—

Aos restantes países só vamos para afirmar o nosso valor, para os auxiliarmos com inexcedível abnegação, e açodados voltarmos aqui, ao nosso pequenino Portugal, onde guardámos os louros e as palmas gloriósas.

«Por mais que da fortune andam as rodas,

(Numa cõnsuma voz todas soavam)

Não vos hão-de faltar, gente famosa,

Honra, valor, e fama gloriósa».

diziam as ninfas aos companheiros de Vasco da Gama, na Ilha dos Amores.

E de vitória em vitória, na terra e nos ares, Portugal vai dizendo ao Mundo que vive, que quer viver, Portugal vai-lhe dizendo, pelos feitos dos seus filhos, que do sono em que caíra mais lesto se levantou.

denado. Porquê? Ofensas à moral. O crime está mais que provado e é previsto.

Talvez servisse de exemplo.

O Mundo veio explicar-nos há dias como foi feita a emissão dos selos comemorativos do *raio Lisboa-Rio de Janeiro*, defendendo a sua honestidade em vista das afirmações que colheu.

Mas em Lisboa e nas províncias não appareceram todas as taxas, e no entanto, como o próprio *Mundo* antes dissera, a bordo do *Mauretânea* houve quem vendesse aos *touristes* colecções completas a 8 *dollars* cada. Primitivamente, e sem entrevistas prévias, tinha muito mais razão, a nosso ver.

A emissão de selos, sejam que selos forem (sempre o dissemos e toda a gente que saiba um pouco de Finanças o sabe) só ao Estado compete. Não façamos, de futuro, a mesma coisa.

Realizou-se há dias em Lisboa uma reunião magna das Associações Económicas do País. Entre outras, foi ventilada a questão do decreto sobre os lucros ilícitos. Um dos oradores, o sr. Alfredo Ferreira, depois de fazer a distincção entre comerciantes honestos e comerciantes desonestos (a que chama *milicianos*), disse que o decreto, concedendo-lhes um lucro de 10 e 15% lhes dá mais do que elles ganham.

Sendo assim, perguntamos: para que protestam contra o decreto? Se elle os beneficia, para que é que, além das de Lisboa, nada menos de 57 associações enviaram os seus representantes àquella reunião com que se pretende revogar um decreto que só nos comerciantes que não se intitularem honestos encontra inimigos?

Vá, que isto é muito comedido, e os senhores foram os próprios a traír-se.

P.º Marques de Castilho

Este nosso prezado amigo e professor do ensino primário superior em Viseu, foi eleito sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa—uma das mais prestigiosas agremiações nacionais que o agraciado saberá honrar pelas suas preclaras qualidades de trabalho e intelligencia.

Felicitemo-lo sinceramente.



Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, o sr. dr. Manuel Francisco Braz.

Amanhã, as sr.^{as} D. Maria José de Azevedo Ferreira Pinto, D. Clotilde da Cunha Santiago e D. Beatriz Braz Frade.

Além, a sr.^a D. Ludovina Rosa Sertan de Oliveira.

Depois, as sr.^{as} D. Catarina Amélia de Vasconcelos de Azevedo e Silva, D. Maria José de Oliveira Pinto de Souza e D. Elisa Leão.

Em 18, as sr.^{as} D. Margarida Almeida de Vilhena Torres e D. Cidália Estela de Castro Machado.

Em 19, as sr.^{as} D. Maria do Céu Duarte e Silva, D. Laura Ferreira Esteves e D. Irene Saramago.

Em 20, as sr.^{as} D. Libânia Abranchedes Ferreira da Cunha, D. Maria Cardal de Lemos e Lima.

Errata:

Por descuido na revisão, saiu errada a notícia sobre o pedido de casamento do sr. António Barreto Ferraz Sachetti—Visconde da Granja—com a Sr.^a D. Maria Tereza Coelho de Castro Vilas Boas, que demos como natural desta cidade, quando essa senhora é filha do sr. António Coelho de Vilas-Boas, de Évora.

Fica, pois, desfeito o engano, de que apresentámos as nossas desculpas ao nosso amável informador.

Visitantes:

Com sua esposa esteve em Aveiro o sr. dr. Joaquim Manuel Ruela e Cirne, distinto advogado em Estarreja.

◆ Também aqui estiveram os srs. Dr. Jaime de Magalhães Lima, António Souto Alves, Armindo Soares, Domingos Luis da Conceição.

◆ De visita ao sr. dr. António Emílio de Almeida Azevedo, estiveram entre nós os ilustres clínicos portugueses srs. Drs. Óscar Moreno e José Joaquim de Oliveira.

◆ De visita ao sr. dr. Adelino Simão Lial, esteve em Aveiro o sr. dr. Henrique Dias Freire, distinto quintanista de Direito na Universidade de Coimbra.

Enfermos:

Tem sentido ultimamente algumas melhoras a sr.^a D. Maria do Céu Costa, esposa do sr. Armando Ferreira da Costa.

◆ Encontra-se já restabelecido o conceituado industrial local sr. José Migueis Picado, proprietário da Sapataria Migueis.

Viageiros:

De regresso do Brasil, para onde fôra há bastantes anos, chegou já a Aveiro, no passado dia 6 o sr. Elias Pereira Tavares, irmão do ilustre professor do nosso liceu, sr. dr. José Pereira Tavares e do capitão de infantaria 24 e também professor do nosso liceu, sr. João Pereira Tavares.

◆ Para Coimbra, seguiu há pouco o nosso muito presado amigo sr. dr. António de Carvalho Rodrigues Pereira, de Soure.

Boletim oficial.—Para o lugar de officia do Registo Civil de Estarreja, vágo há pouco pelo falecimento do sr. dr. Caetano Tavares Afonso e Cunha, foi nomeado o sr. dr. António da Silva Tavares, Juiz de direito em Avis, e que em Aveiro exerceu o cargo de Delegado do Procurador da República.

ANTÓNIO CHAVES MAIA

Médico-Cirurgião

Doenças das Senhoras—Clínica Geral
Consultas das 10 ás 11 e das 2 ás 4
Rua Coimbra (Costeira) 9—1.º

Comemoração do 9 de Abril

NOS

Quartéis militares

Conforme determinações superiores realizou-se no dia 9 em todos os quartéis militares desta cidade a comemoração da batalha de la Lys, na Flandres.

Em todas as unidades militares revestiu o acto a maior solemnidade, observando-se rigorosamente o respectivo programa.

No quartel da G. N. R. desta cidade discursou brilhantemente o seu comandante, sr. capitão Geraldès, que, em palavras impregnadas do maior patriotismo, explicou às praças da sua unidade o que foi a batalha de la Lys, ponto culminante de toda a nossa acção na Grande-Guerra e em que os soldados de Portugal se cobriram de glória, tombando muitos deles em holocausto à Pátria e às gloriosas tradições do Exército Português. O ilustre official dissertou largamente sobre o assunto, explicando detalhadamente as principaes fases desta acção militar, a mais importante dos tempos modernos, terminando por aludir às referencias elogiosas feitas, nessa época, pela imprensa aliada e particularmente a um esplêndido artigo do jornal francês o *Telegramme*, publicado em maio de 1918, em que magistralmente se descreve toda a acção militar do C. E. P. em França pondo bem em relevo o esforço gigantesco, que este pequeno mas glorioso país fez pela causa dos aliados.

No quartel de cavalaria 8, a Sá, discursou perante o regimento formado, o tenente sr. Lopes Ribeiro.

São desse discurso, religiosamente ouvido por todos, algumas passagens que seguem: «Soldados da Grande-Guerra, heróis benditos de Portugal! Há 5 anos que o mais formidável ataque de todos os tempos, caiu sobre forças portuguesas.

Rompeu o dia 9 de Abril de 1918.

Dia em que muitos pais, mães, esposas e noivas perderam para sempre os seus entes mais caros e mais queridos.

Dia em que uma pleiade heroica de portugueses regou com o seu sangue generoso a terra sagrada da França Imortal!

Dia de lucto, sim! Mas dia de glória!

Mais de mil canhões de todos os calibres vomitavam metralha sobre as nossas linhas. A nossa valente artilharia respondia com vigor, mas em breve via-se esgotada de munições, tendo os soldados que guarneciam as suas baterias que recorrer às baionetas para defenderem, como líões, as suas peças emudecidas.

A infantaria suportava heroicamente o peso formidável da avalanche Teutónica, fazendo terribes estragos nas suas 8 divisões.

Refere-se em seguida em palavras sentidas aos feridos e estropiados que, a pé, retiravam dos hospitais de sangue debaixo da infernal metralha, ampara-

dos carinhosamente por generosas camaradas, ligando assim os seus destinos naquele momento de terrível angústia!

A um official aqui presente, o tenente Marçal, vi eu amparar através dos campos, o velho chefe dos serviços de saúde, que quebrantado pela doença mal podia caminhar.

Actos de abnegação succediam-se, multiplicavam-se, e era com a maior e mais intensa commoção que assistiamos ao desfilar trágico daquele punhado de heróis. A nossa alma de portugueses enchia-se de dor e orgulho, dor pelo sacrificio de tantos bravos portugueses, orgulho pela valentia indómita da RAÇA!!

Findo este discurso, o comandante do regimento, Ex.^{mo} Tenente-coronel Carlos Guimarães, ordenou os dois minutos de silêncio que todo o regimento mantém, em continência, voltado para a Batalha.

Na Casa do Capitulo do Mosteiro da Batalha, levantado para comemorar quanto pôde na alma portuguesa o amor da Pátria, Templo augusto que encerra e sintetisa o denodado valor lustada, monumento que perdura o extraordinário esforço da raça e a demarca em moldes homéricos de indeléveis recamos, foi colocada e solenemente inaugurada no dia 9 a Chama



Desenho de M. V.

da Pátria—Lampadário pela 5.^a Divisão do Exército construído para alumiar eternamente os restos mortais dos dois Soldados Desconhecidos.

Com a publicação do seu desenho, o «Campeão» presta aos mortos da Grande-Guerra em França e África uma saudável homenagem.

Joaquim Simões Peixinho
Advogado
Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

Ocorrências de 1922

Dia 14 de abril—Sexta-feira-santa, continuando nos templos a comemoração do dia.

Dia 15—A Aleluia é ruidosamente festejada.

Dia 16—Fazem-se nas duas freguesia as lindas procissões da Ressurreição de Cristo.

Dia 17—Realiza-se com bom tempo a visita pascal.

Dia 18—Manifesta-se um pequeno incendio na foligem duma chaminé na Beira-mar, sendo de pronto extinto.

Dia 19—Vêm ao mercado os primeiros morangos.

Dia 20—Com a realização do Congresso do P. R. P. em Coimbra, vão daqui numerosos amigos em visita ao nosso director.

Dr. José Reis

Doenças pulmonares e Sífilis
Clínica geral

Consultas das 10 ás 11 e das 13 ás 14 horas

Consultório—Praça Marquês de Pombal
Residência—Rua dos Mercadores, 61

Diversas

Segundo uma amável participação-convite que nos enviaram, no próximo dia 20, data da promulgação da Lei de Separação, far-se-á em Lisboa uma manifestação em que diversas associações pedirão se revogue o dec. de 22 de Fevereiro de 1918 e se volte à lei de 20 de Abril.

E' um movimento republicano a que, por isso, nos associámos em princípio.

Com a imparcialidade, porém, com sempre tratámos todos os assuntos, devemos dizer que, se encontrámos inúmeros defeitos no dec. de 22 de Fevereiro, não deixámos de os notar também, e muito graves, no de 20 de Abril. Urge modificá-los, sempre o dissemos, mas com critério. Num regimen de liberdade, não devemos sêr intransigentes pró ou contra seja o que for.

Nós não precisamos já de estabilizar esta República, que é inabalável. O regimen está seguro, porque creou raizes profundas no espirito do povo português. Um Portugal monárquico hoje é uma quimera ou uma tolice.

Mas voltemos ao assunto. Porque não havemos de acompanhar o movimento geral, aquele que hoje vai tomando vulto em todos os países? Porque não havemos

de realizar os prometimentos da propaganda?

O assunto religioso é um assunto dos mais importantes, e que, por isso mesmo, não pôde sêr tratado de afo-gadilho. Fazendo uma guerra pertinaz à religião, nós esquecemos que a grande maioria do país, seguindo o credo católico ou o cristão ou qualquér outro, é religiosa. Nos livres-pensadores, muitos há—e talvez constituam a maior parte—que crêem. Se excepção queremos fazer, então, logicamente, só contra os que nenhuma crença professam. Quem não fôr faccioso, tem de pensar comnosco.

Nós, que sendo crentes, sustentámos ainda há pouco uma rude campanha contra o ensino religioso nos colégios particulares a dentro das leis vigentes, nós é que não podemos sêr taxados de facciosos.

Cinjâmo-nos à Constituição, de que em caso nenhum devemos afastar-nos. Liberdade—é o que nela vemos do primeiro ao último artigo. Liberdade, entenda-se, igual para todos os credos.

Façamos, pois, o que o estatuto fundamental da República nos diz; façamos o que na propaganda já se dizia; façamos o que a nossa consciência e a nossa inteligência nos aconselham; façamos o que a lição dos factos nos demonstra: revoguem, não um decreto mas ambos e trabalhemos pela única forma possível de conciliar todos os quereres—entremos na *concordata de separação*, em que o problema será debatido pelos representantes de todas as opiniões.

De outra forma, não satisfazemos a nossa inteligência nem a nossa consciência.

Há jornais e jornalelhos. Sempre os houve, e em toda a parte. Aqueles, procurando sempre atingir um fim elevado e nobre, são honestos, e raro se desviam do curso en-cetado pugnando pela verdade, lutando pelo progresso; estes, tendo em mira apenas denegrir, destruir, refazer, não saiem do meio fétido em que nasceram, não têm uma ideia sublime, confundem-se comsigo mesmos, refastelam-

se nas torpezas de que andam sédiços.

Portugal, não foge à regra. Também nós temos de uns e de outros—êstes, felizmente, em muito limitado número.

Vem isto a propósito do 9 de Abril, data das mais gloriosas das muitas datas gloriosas da nossa história.

O triste papel que as gazetas monárquicas vêm desempenhando, até na comemoração dêsse dia se manifestou. E' triste, mas é assim.

Uns, dizem que o 9 de Abril foi uma catástrofe, um enorme desastre para as armas portuguesas, desastre, acrescentam, de que só a República, forma de governo, teve a culpa—como se o *dezembrismo* que diminuiu em milhares de homens os batalhões que então combateram, fôsse a República, e como se um desastre militar uma qualquér guerra pudesse imputar-se ao regimen em vigor; outros, dizem que êsse dia foi mal escolhido para comemorar o *esforço da raça*, etc., etc. E enquanto essas gazetas assim mais se rebaixavam, às 17 horas desse dia, o nosso povo, que sabe compreender com a alma, levantara-se, e descobria-se, conservando-se num religioso silêncio de dois minutos, recordando os mortos!

Como o Povo, sobre que tantos insultos lançam sempre os seus inimigos, que inimigos são da Pátria, sabe compreender!

ASSUNTOS MUNICIPAIS

Embora muito ao de leve para não ferir susceptibilidades, somos todavia forçados a comentar a forma por que está sendo feita a administração camarária.

Dizer-se alguma coisa sobre êste assunto não agrada, é claro, não pôde agradar aos dirigentes do Município, mas a verdade é que assim não podem nem devem continuar, e a continuarem muita coisa teremos ainda que dizer.

A actual receita do Município (que é grande, enorme até) não chega, nem mesmo que muito a façam aumentar, para fazer face às imensas despesas que as obras entre mãos absorvem, todas, ou, para não faltarmos à verdade, quasi todas muito longe do seu *terminus*.

Dir-se-á que o caso não deve sêr tão censurado atendendo ao interesse que existe da parte do Município em aformosear a cidade dotando-a com melhoramen-

Sim. Se fôsse isso!...

Mas é que os funcionários municipais, que vivem em precárias circunstâncias, quasi na miséria, e à sombra dos quais foram criadas elevadas receitas por uma disposição de Lei que às Câmaras deu êsse direito, mas com o fim exclusivo de aumentar os vencimentos dos seus empregados, vêem dia a dia, triste é dizê-lo, que essas receitas são destinadas a um fim diverso ou seja aos tais melhoramentos com que a cidade de Aveiro (até que emfim!) vai ficar uma verdadeira Veneza...

E por êste motivo o pessoal menor do Município, para quem a vida está mais dificultosa e que não pôde viver de belezas nem de estéticas, cansa-se de reclamar, tendo-se encontrado mais uma vez com o Presidente da Comissão Executiva a quem expôs a situação, já tão conhecida de todos nós.

Serão atendidos? E quando, se o Município se encontra sem dinheiro apesar das enormes receitas que, como dissemos, se têm criado?

Estamos convencidos de que não teremos de voltar a falar neste assunto, aliás tão melindroso para aqueles a quem foi confiada a gerência do Município.

Enganar-nos-emos? Seria mais uma desilusão.

Movimento local

Soldados Desconhecidos.—Como previamente comunicara por convites distribuídos por algumas montras, a Câmara Municipal, associando-se à determinação do Ministério da Guerra, fez anunciar as cinco horas, no dia 9, com três tiros de salva.

Em quasi todas as ruas da cidade parou completamente o movimento, conservando-se toda a gente de pé, e descoberta, voltada para o Mosteiro da Batalha, numa atitude de severo recolhimento íntimo, até que os sinos, repicando, deram por terminados os dois minutos, reconhecendo então o movimento com tão fervorosa religiosidade interrompido.

Na Escola Primária Superior de Aveiro, comemorando esta histórica data, houve uma sessão solene em que, no momento próprio, se fez o silêncio comovente de dois minutos, após o qual o professor sr. Agostinho de Souza dirigiu aos alunos uma bela alocução alusiva ao *Esforço da Raça* que há cinco anos se desenrolou em honra da Civilização e da Justiça dos Povos.

O estudante do 3.º ano Abel de Souza Júnior recitou uma poesia.

Clube Mário Duarte.—Attingiu o maximo brilhantismo o baile promovido pela Direcção do *Clube Mário Duarte* e realizado no dia 7 do corrente. Lá compareceu tudo quanto de mais distincto há na sociedade aveirense, dando ao baile uma nota de elegância e bom tom que já há muito não víamos, e que nos fez re-

cordar as belas reuniões do antigo Grémio nos seus dias de maior esplendor.

As salas do *Clube* estavam lindamente adornadas, e uma delas transformada em aprazível jardim de inverno. O salão de baile estava elegantemente ornamentado, sobressaindo uma vistosa mobília que a actual Direcção mandou propositadamente fazer para aquele salão, e que nesta noite foi inaugurada, merecendo os elogios de todos quantos a viram.

A luz eléctrica a jorros, dava uma sensação de vida e alegria à festa, e a música, constituída em *jazz-band* por profissionais, sob a direcção do ilustre pianista sr. Fausto Neves, satisfêz os mais exigentes. O *Cisne da Arcada* forneceu um esmerado serviço de restaurante.

O baile decorreu com a maior compostura e entusiasmo, e quando terminou já os primeiros raios de sol apareciam no horisonte.

A Direcção, que não se tem poupado a esforços para que o *Clube* continue a ocupar o lugar que de direito lhe pertence no meio aveirense, tem sido muito felicitada pelo êxito brilhante dêste baile, que deixou em todos os sócios do *Clube* e suas Ex.^{mas} Famílias, as mais gratas recordações pelas horas de prazer e arte que lá passaram.

Consultório dentário.—Abriu já o consultório dentário do sr. Alberto Milheiro, que há dias annunciámos, estando a dirigi-lo o médico, especializado em dentista, sr. dr. Angelo Leite. O sr. Alberto Milheiro continuará a vir aqui duas vezes por semana.

Atelier de Chapéus.—A modista de chapéus Sr.^a D. Ana Teixeira da Costa, chegou já, ao que nos consta, uma bela colecção de modelos para a confecção de chapéus para senhora e creança, que aqui trará em princípios de Maio próximo.

Brevemente diremos às nossas gentis leitoras o dia em que abrirá a sua exposição.

Abusos.—Abusando da complacência das nossas autoridades não há largo ou praça que os garotos não transformem em *ring*, onde jogam, a toda a hora do dia e da noite, o *foot-ball*, a *barra*, o *box*, etc., etc., sujando quantos transeuntes por ali passem. Perto da estação, então, passa das marcas. Para os *touristes*, êstes abusos são dum péssimo efeito.

Chamâmos para o caso a atenção do sr. Chefe de Polícia certo de que com a sua boa-vontade de sempre nos atenderá, obtendo a que assim se continue.

Conferência.—Subordinado ao tema *História da língua portuguesa*, deve realizar hoje uma conferência no Liceu Vasco da Gama, às 21 e meia horas, o ilustre professor, Sócio correspondente do Instituto Etnológico da Beira, sr. dr. José Pereira Tavares.

Estampilhas.—Tem-se notado ultimamente uma enorme falta de estampilhas de algumas taxas, na estação telegrafo-postal, ven-

Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

XIII

Bibliografia

Camara Municipal de Ilhavo. Ilhavam série de subsidios para a historia de Ilhavo. I Um projecto de brazão d'armas concelhio por Antonio Gomes da Rocha Madail, Coimbra, Grafica Conimbricense, Limitada 1922—4.º 56 pag.

V

A proposito de ter o batalhão da Vista-Alegre tomado parte na acção de Val Passos escreveu tambem A. A. Teixeira de Vasconcelos:

«Pela volta das duas horas da tarde o inimigo avançou sobre a direita dos progressistas, recenheceu a municipal, obliquou á direita, foi postar-se em frente de infantaria 3, e estendeu atiradores que se aproximaram da linha de batalha, chamando pelos soldados do 3 e sem romperem o fogo. Então ordenou o visconde de Sá a uma companhia de infantaria 3 que rechasse os atiradores, porém os soldados, em vez de lhe obdecerem, uniram-se ao inimigo, dando vivas á Rainha, á Carta, ao Saldanha e ao Casal. A esse tempo a municipal atacara a esquerda do inimigo, e os batalhões dos artistas da Vista-Alegre e de Baieo atacaram ousadamente as forças contrarias.»—*O Prato d'arroz doce. Romance historico.*—Segunda edição—Lisboa, 1875 pag. 140.

Pelo que deixo transcrito vê-se que há descripçã no relato da parte que o batalhão d'Ilhavo-Vista-Alegre, teve na acção de Val Passos. Tal descripçã, porém quanto á retirada das forças de Sá da Bandeira especialmente na parte que diz respeito ao mesmo batalhão, ainda é maior.

Após a acção Sá da Bandeira retirou para o Porto com as forças que lhe ficaram fiéis. Parte da marcha fez-se em barcos pelo Douro abaixo dando-se durante esta um facto verdadeiramente inesperado, o aparecimento de guerrilhas miguelistas capitaneadas por Macdonel. Pinho Leal que serviu durante algum tempo sob as ordens deste general escossez que como em 1833-1831 estivera em Portugal, agera ao serviço de D. Miguel numa extensa carta que ofereceu a Camillo Castello Branco e este inseriu na sua *Maria da Fonte*, descrevendo a passagem pelo

Douro das forças baidas em Val-Passos, refere-se por esta forma ao batalhão da Vista-Alegre:

«Tornemos atraz — no dia 18 de novembro. O Alberto Ferreira Pinto Bastos, ou por falta de barcos ou por ordem do Sá da Bandeira, para proteger a gente que trazia embarcada, vinha por terra pela margem esquerda do Douro com o seu batalhão da Vista-Alegre, que eram uns pobres vareiros, armados e fardados, mas trazendo ainda carapuças pretas, em vez de bonés.

Foram cair nas garras do Semblano, que com a maior facilidade os desarmou, sem ser preciso um sapapo.»—*(Maria da Fonte)* — Porto 1885 pag. 212—213.

No seu *Portugal antigo e moderno* (vol. 7.º pag. 367) narra o mesmo escriptor assim o estu-pendo caso:

«Quando regressava ao Porto (*Sá da Bandeira*) foi atacado pelas guerrilhas de Macdonel que dos rochedos das duas margens, faziam fogo para os barcos.

Houve poucos mortos e feridos de parte a parte. O sr. Alberto Ferreira Pinto Basto, comandante do batalhão da Vista-Alegre, perdeu dois cavalos, que caíram em poder dos realistas.

A guerrilha de Luis do Amaral Semblano, desarmou uma grande parte do mesmo batalhão (18 de Novembro).»

Em contraposição a estas narrativas há est'outras:

«Ao chegar, (*Sá da Bandeira*) ao sitio de Porto-Manso, logar um pouco abaixo das Caldas de Arrêgos, os barcos foram improvisamente carregados por uma grossa descarga de fuzilaria, disparada da margem esquerda do rio, e os gritos de viva D. Miguel I soaram ao mesmo tempo por quasi toda aquela linha de pequenos sertos—era uma guerrilha de oitocentos a novecentos miguelistas, comandados pelo proprio general Mac-Donald, que pela primeira vez apparecia em campo a atacar as tropas liberaes.

O Visconde mandou atracar; fez saltar em terra uma parte da municipal, e ordenando-lhe de carregar o inimigo, ao cabo de três horas de fogo a guerrilha tinha completamente desaparecido, deixando nove mortos e três presoneiros, e entre estes um official, que se dizia major ás ordens de Mac-Donald.»

D. João de Azevedo *Os dois dias de Outubro ou a historia da prerogativa*—pag. 43.

Parte destes informes estão confirmadas por documentos dignos de fé como são duas cartas que se encontram publicadas no *Livro azul* (Lisboa 1847)—pags. 73 e 88), uma do consul inglês no Porto, Johnston, ao ministro inglês em Lisboa Southern (Porto, 20 de Novembro de 1846) e outra do proprio Visconde de Sá a um membro da Junta (Quartel General—Casa Pia (Porto) 21 de Novembro de 1846.

Nesta ultima, que se refere mais directamente ao famoso apresionamento lê-se:

«Tendo saído de Murça no dia 17, como lhe participei no meu ultimo officio, cheguei no dia seguinte á Fóz do Pinhão, e embarquei para vir rio abaixo dar a esta cidade, enquanto ao mesmo tempo parte das minhas forças vi-

nham pela margem esquerda do Douro esperar-me á Regoa. Chegando perto d'ali, constou-me que uma guerrilha miguelista desarmara naquele logar um destacamento pertencente ás minhas tropas, deixando-o depois seguir a sua marcha. Em consequência do que, mandei desembarcar alguma tropa em ambas as margens do rio; e depois dum tiroteio, entrámos na Regoa sem opposição, tendo a referida guerrilha retirado apenas nós apparecemos.

Dormi naquella vila com a devida precaução, e tendo completado os meios de transporte, continuei no dia seguinte a minha marcha até Porto Manço, um pouco abaixo das Caldas de Arrêgos. Encontrei ali uma guerrilha numa forte posição, que era composta d'alguns 500 homens, comandados por Macdonald, e romperam logo um vivo fogo sobre nós. Desembarquei parte da minha força para os desalojar, e depois d'algumas horas de fogo, tiveram de retirar, deixando no campo 17 mortos, e 9 presos, entre os quaes um era official; Macdonal mesmo escapou-se a grande custo. A nossa perda foi 1 soldado da guarda municipal morto e 2 do batalhão de artistas feridos.

(*O Livro azul* ou correspondencia relativa aos negocios de Portugal. Traduzido do inglês. Lisboa, 1847—pag. 88.)

O consul Johnston a que me referi, conta pela seguinte forma o ataque das guerrilhas miguelistas ás tropas da Junta:

«Parte da Guarda Municipal (perto de 50 homens a 50 officaes) foram ao Pinhão, onde embarcaram. Na Regoa avistaram 150 guerrilhas que deram vivas e supondo serem do seu partido desembarcaram. As guerrilhas logo caíram sobre eles, tiram-lhes as armas, petrechos e parte da roupa, obrigando-os a dar zivas a D. Miguel, e depois que podiam tornar a embarcar. Ao chegar a Castello de Paiva foram detidos, e obrigados a desembarcar, por muitos paisanos, que os levaram á presença duma pessoa a quem chamavam general Macdonel. Esta pessoa falou-lhes em hespanhol e disse ser o General Macdonel; convidou-os para ficarem ao serviço de D. Miguel, prometendo a alguns officaes o mesmo posto que tinham na Junta. Offereceu logo aos soldados uma moeda e oito vintens por dia. Todos recusaram a oferta e ele permite-lhes continuarem a sua jornada, dizendo que não empregava a força senão para com aqueles que achasse em armas contra D. Miguel.»—(*O Livro azul*, pag. 69.)

A referencia que faz o consul inglês ao facto dos soldados apresionados recusarem os officamentos do general miguelista, levam-me a abrir um parentesis na narrativa que venho fazendo da parte que na Patuleia tiveram os voluntarios ilhavenses.

Como poderiam combater a favor de D. Miguel filhos de Ilhavo? Só esquecendo as prisões e os lamisios com que o governo deste Principe flagelou a vila e o seu termo.

Foi avultado o número das perseguições como se vê da nota organisa da há mais de cincoenta anos pelo faleido conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa que foi um dos que não menos sofreram de 1828 a 1834, que segue:

Ilhavo, relação das pessoas pronunciadas nas devassos chamadas de rebelião:

PRESOS

Antonio Bernardo Grilo, negociante; Antonio Gonçalves Angril, lavrador; Antonio Joaquim de Moraes Sarmiento, escrivão; Antonio Tomáz Pereira de Mendonça, cirurgião; Bernardo Celestino de Carvalho, farmaceutico; Custodio de Pinho, escrivão do Juiz Ordinario; Calixto Luis de Abreu, professor de latim; Francisco Joaquim Monteiro, proprietario; Francisco Manuel Ferreira do Amaral, presbitero; Francisco dos Santos Barreto, armador; dr. João Gonçalves Monteiro, proprietario; João de Azevedo Junior, negociante; João Raposo, negociante; João Nicolau Nunes do Rosario; Joaquim Nunes Vidal, presbitero; José Antonio de Oliveira, caixeiro; José Gilberto Ferreira Felix, proprietario e ex-capitão de milicias; Manuel de Jesus, operario da Fabrica da Vista-Alegre; Manuel David Ferreira Felix, proprietario; Manuel Ferreira da Cunha e Souza, Juiz dos Orfãos; Luis Alves Arem, professor de latim, Manuel Antonio Rodrigues, negociante; D. Theodora, mulher do desembargador Queiroz; D. Joana, mulher do dr. Manuel da Rocha Fradinho; D. Antonia Ferraz de Torres, viuva, proprietaria; Angelina da Ribeira, servente; Maria Cafe, servente; Joana Ferreira de Macêdo, mulher de Manuel Antonio Rodrigues; Joana Marques d'Azevedo, criada de servir; D. Joaquina, filha de D. Ana Ferraz.

HOMIZIADOS

Antonio José Fernandes de Oliveira, negociante, (alistou-se no exercito liberal); Antonio José Pinto Brandão de Vasconcelos, capitão de Ordenanças; João Henriques de Moraes Calado, estudante (conseguindo entrar no Porto, alistou-se no exercito liberal); João José da Conceição, negociante; João dos Santos Patoilo, lavrador, capitão de ordenanças; João Nunes Pingnelo d'Abreu, lavrador, capitão de ordenanças; João Chrisostomo Gonçalves de Oliveira, farmaceutico, (conseguindo entrar no Porto, serviu no exercito liberal); dr. Joaquim José de Queiroz, desembargador; dr. Manuel da Rocha Fradinho, proprietario; José Vicente Soares, professor de musica, (serviu no exercito liberal); Vicente José de Pena, proprietario, e alferes de milicias, refugiando-se no Porto, serviu no exercito liberal.

Marques Gomes

do-se os individuos obrigados a colar cinco e seis em cada carta. E' bom que a Direcção-geral, olhando aos consumidores, obste a continuação desta situação.

Farmácia de serviço. — Conforme o estatuido, está de serviço amanhã a *Farmácia Moura*.

Aniversários

A Voz de Estarreja

Passou no dia 9 o aniversário do nosso presado colega *A Voz de Estarreja*, criteriosamente dirigido pelo sr. dr. Joaquim da Silva.

Ao brilhante colega, que tanto pugna pelos interesses de Estarreja, as nossa felicitações.

O Jornal de Estarreja

Também no dia 10 completou mais um ano de proficua existência este nosso presado colega, que na simpatia dos seus leitores encontra o justo louvor dos seus incentivos e iniciativas.

Cumprimentamo-lo muito cordalmente, bem como o seu director, sr. Carlos Alberto da Costa.

SEMENTEIRA

Sentença singular

Conta-se que no tempo de Frederico II, rei da Prussia houve em Berlim uma festividade a Nossa Senhora, na Igreja Catholica, e foi mandada uma guarda de soldados para manter a ordem no templo, porque esta festa anual era muito concorrida.

Celebrada esta, e tendo-se despejado a igreja, ficou só a sentinela, que estava junta ao altar, para vigiar todo o adorno dele, e como viu que a imagem da Senhora tinha ao peito uma riquissima flor de brilhantes, e ninguem o visse, subiu com toda a cautela ao altar, tirou a flor do peito da imagem, e a guardou.

Acabou-se com a noite a função, e as pessoas que deviam de recolher as preciosidades não achando a flor de roubos á autoridade competente, e com pouco trabalho se descobriu o roubador.

O soldado foi logo preso, e respondeu a conselho de guerra. Ora é necessario advertir que na Prussia a religião do Estado é Lutherana.

Interrogado o soldado se tinha furtado a dita flor de brilhantes, e onde a tinha, respondeu com a maior tranquillidade, dizendo: Senhores! Eu

não roubei a imagem, ela é que conhecendo o desejo que eu tinha em possuir aquella preciosidade estendeu o braço, tirou a flor do peito, e m'a entregou, e só me disse: Toma e cala-te; e por tanto eu tenho esta dadiwa em meu poder e não a entregarei a ninguem, porque me foi dada voluntariamente.

O Conselho, apesar da teima do soldado, condenou-o a trabalhos publicos por toda a vida, e á restituição do objecto roubado.

Subiu a sentença á confirmação regia, e o monarca reflectindo na declaração do soldado, mandou convocar um conselho de teologos Catholicos; e apresentando a sentença do réo, e a declaração que ele tinha feito, perguntou-lhes se era possivel a imagem dar ao soldado a indicada flor de brilhantes.

Os teologos depois de questionarem o negocio, declararam que era possivel; não pela imagem, mas pela virtude do objecto que representava. Então o rei escreveu na sentença o seguinte: Visto que os teologos Catholicos Romanos declaram ser possivel dar a imagem, de que se trata neste conselho, aquella joia ao réo, quando estava de sentinela ao seu, e não havendo testemunhas que provem o roubo, o condeno em pena de morte se aceitar outra qualquer oferta que lhe façam as imagens do rito Catolico, por mais modico que seja o seu valor.

(Coimbra) E. Levy

Terras de Portugal

Lisboa, 11-IV-923

... Em certas repartições e direcções gerais o serviço, anda atrazadissimo, havendo processos aos montes...

(Do discurso, na câmara do Senado, proferido ontem pelo Senador sr. Silva Barreto.

Não foi de animo leve que afirmei, em uma das minhas correspondencias, que os serviços da instrução nacional se debatiam num montão de ruinas, havendo no ministério alguns funcionarios superiores que pouco ou nada se importam com a grande responsabilidade dos altos cargos que lhes confiaram!...

Quem lê, sem paixão partidaria, ou pessoal, o extracto do discurso ataquado do sr. Senador Silva Barreto, fica de veras indignado contra o desleixo que vai naquele ministério, ou por outra na maior parte das repartições que lhe pertencem, parecendo, que o mesmo Senador pretende ressaltar aquella de que é chefe supremo.

Mas ainda assim declara o sr. Silva Barreto que lhe faltam os empregados na sua repartição, pelo facto de ali serem obrigados a trabalhar. E conta que uma vez, para arranjar funcioná-

rios, teve de os ir buscar ao viveiro do ministério da agricultura, onde encontrou três que cumpriam a sua obrigação. Mais tarde, porém, precisando de mais três, requisitou-os ao mesmo ministério, apresentando-se todos com atestado de doença!...

Nada tenho com o procedimento do sr. Silva Barreto, chefe da sua repartição, onde cumpre com o maior rigor como é notorio; mas, se tivesse, diria a sua ex.^a que não precisaria sair fóra do ministério da instrução para arranjar quem lhe ajudasse a pôr em ordem, ou, como soe dizer-se, em andamento, os complicados serviços que por ela correm.

Há muitos professores de instrução primaria superior, que têm pouco que fazer em cada dia, e alguns com vontade de trabalhar em beneficio do levantamento da instrução. Por isso, pois, se o sr. Silva Barreto requisitasse alguns para, nas horas vagas, prestarem serviço na repartição que nobremente dirige, parece-me que não se negariam a esse honroso convite. E como s. ex.^a aqui se oferece, quem escreve estas linhas; pois que, tendo apenas duas horas de serviço, por dia, na escola a cujo quadro docente pertence, pôde ainda dispôr de oito ou mais para trabalhar com vontade e acerto na Repartição do sr. Silva Barreto, assim como mais dois colegas que também podem dispôr de algumas horas, sem que abandonem o serviço da escola.

Para que há-de, pois, requisitar dos outros ministérios o pessoal de que careça para pôr em dia os processos que correm pela sua Secretaria, se tem as suas ordens professores habilitados que gratuitamente o poderão auxiliar?

Modos de vêr, ou melindres de superioridade?... Pôde ser isso.

A nota do dia, e da semana, é, e tem sido, a irritação das forças vivas, causada pela publicação do Decreto sobre os lucros ilicitos.

Mas para que se irrita essa santa gente? Que mal lhe faz o Decreto?

Quem lhes proíbe que venda os generos pelo preço que queira? Ou quem pôde evitar que a maior parte desses honradissimos tratantes iludam os compradores com chamadas falsas de preços aparentes?

Ora vêja o estimado leitor como eles cumprem escrupulosamente os seus deveres de negociantes honestos, e por isso repelem o Decreto que pode manchar-lhes a sua honestidade.

Em resumo: um exemplo engraçado.

Na Rua do Ouro encontra-se em uma luxuosa papelaria uma chamada a umas caixas de papel a 3\$50 cada.

Há poucos mezes a chamada era de 2\$50. Como se vê a diferença não é senão de dez tostões: uma insignificancia, na época que vai deslizando...

Mas o principal truque está nesta esperteza de honradissimo comércio:

As caixas que custavam 2\$50 tinham 50 folhas de papel e 50 envelopes; — estas de 3\$50 tem apenas 25 folhas e 25 envelopes, sendo o papel e os envelopes perfeitamente iguais aos das outras caixas!

Querem-na mais perfeita?!

E quantos, como eu, não terão caído no logro?...

Quem se livra da primeira?...!

Mas quando essa primeira tiver passado por todos, quantos centos de caixas de 25 folhas, com a suposição de 50, não terão sido vendidas!...

E quem pôde reclamar de tal logro?...

Vá lá o joven Decreto dos lucros ilicitos a vêr se não é também enganado!... — (C.)

GABRITA FUNERARIA
de mão
Vende Antonio José da
Fonseca
Monte da Murtosa

Dias findos

Reinaldo de Vilhena Torres

Vitimado por uma congestão pulmonar que há dias o retinha no leito, faleceu na quinta-feira, pelas quatro horas da tarde, o empregado superior de Finanças em Aveiro, nosso muito particular amigo, sr. Reinaldo de Vilhena Torres.

Possuidor dum caracter são, e duma grande afabilidade, apegado ao trabalho duma forma que chegava a provocar nos seus amigos admoestações, o sr. Reinaldo de Vilhena Torres é daqueles que passaram uma vida retirada e cujo valor se sente principalmente quando já de mais ninguem pôde carinhosamente cuidar e guiar.

Sentimos profundamente a sua morte, e sobre a sua campa desfolhámos algumas pétalas de sincera saudade.

A' familia enlutada os nossos pêsames.

General Domingos Correia

Na sua casa da Foz do Douro faleceu na 5.^a feira passada o general reformado sr. Domingos José Correia, que era uma das figuras de maior relevo da magistratura militar,

Nasceu em Chaves em janeiro de 1847, cursou a Escola de Guerra com distincção e foi despachado alferes para cavalaria 6.

Nesta cidade ocupou importantes comissões de serviço militar no tempo em que seu pai—de saudosa memória—foi aqui comandante de cavalaria 8.

Foi durante muitos anos comandante de cavalaria 9, no Porto, onde igualmente desempenhou as funções de auditor militar no Tribunal Militar do Porto.

Ultimamente era Presidente da comissão encarregada de elaborar o Código Militar. Foi por vezes convidado para a pasta de Ministro da Guerra, que nunca aceitou.

Deixa importantes trabalhos da sua especialidade.

O finado, que contava entre nós grandes relações de amizade, era esposo da sr.^a D. Maria Magdalena da Silva Bravo Correia, pai das

sr.^{as} D. Adélia Bravo Correia Sarmiento e D. Teresa Bravo Correia Granjo, irmão do sr. Alexandre Correia Nóbrega e tio da sr.^a D. Maria Bárbara Garcia Correia Nóbrega e Souza, esposa do sr. professor Agostinho de Souza e da sr.^a D. Clotilde Amélia Garcia Correia Nóbrega e Silva, esposa do sr. tenente Augusto Natividade e Silva.

Os nossos pesames às duas relações.

Sindicato Agrícola e Regional de Aveiro

ASSEMBLEIA-GERAL

Afim de tratar de assunto de interesse geral, convidam-se todos os sócios a comparecer na sede do mesmo no dia 16 pelas, 14 horas. Caso não apareça número suficiente, haverá nova reunião com qualquer número, na segunda-feira imediata, à mesma hora.

O Presidente da Assembleia-geral,

(a) José d'Almeida Azevedo

HERPETOL



DA UM

Alivio instantaneo

SOFRE DE COMICHÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS da PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL OURA. A atestá-lo temos os inumeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quaes são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEHURAS DE INSECTOS, ECZEMAS DUMIDO e SECO e CRÓSTAS DURAS.

A venda nas principaes farmacias e nos depositos, em Lisboa, Rua da Prata, 237, 1.º, e Porto, Rua das Flores, 153-157

Para senhora e creança
CHAPEUS

LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.

AVEIRO

Rizira Pinheiro Cheves

Rua Coimbra n.º 9

RAVL PEREIRA & C.ª L.ª DA
OUVREIRO-JOALHEIROS

JOLAS, PRATAS, FILIGRANAS.
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas

2.ª Divisão

ANÚNCIO

FAZ-SE público que na Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas no Edificio Nacional do Terreiro do Trigo, se aceitam propostas em carta fechada até às 14 horas do dia 30 do corrente mês de Abril, para o fornecimento desde quinhentos a oitenta e oito mil quilogramas de semente de pinheiro marítimo com aza, extraída de qualquer pinhal, em bom estado de vegetação, achando-se desde já patentes as referidas condições na referida Direcção Geral, nas sedes dos serviços Florestais da Marinha Grande, Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro, e Porto.
Lisboa em 4 de Abril de 1923.

Pelo Director Geral,

Julio Mário Viana.

Vinhos, Licôres, Aguas Mineraes, Productos Alimenticios de marca, farmaceuticos e perfumarias

Casa em Lisboa e Porto, dispondo de largos meios de propaganda, oferece-se para Dep. itaria Geral.
Carta a este jornal.

VENDE-SE

Uma cama, nma cómoda e uma mesa de cabeceira, todas em pau preto e antigas.
Trata-se nesta redacção.

A'S EMPREZAS BACALHOIRAS

Carnes em barris e Tabacos para consumo e embarque.

Vendem-se na rua da Boa Vista, 69, 1.º

Casa

Vende-se uma na Rua Miguel Bombarda, n.º 3 e 3 A. (antiga Rua de Jesus).

Para tratar com Joaquim Fernandes Martins, no Liceu —AVEIRO.

VENDE-SE

Uma casa, na Rua Trindade Coelho, pertencente a Augusta Estrela de Souza Lopes e Bernardo de Souza Lopes, moradores, no lugar da Forca, com quem se deve tratar.

Cesar Fontes

Medico

CLINICA GERAL

SIFILIS, VIAS URINARIAS

OPERAÇÕES

Consultas na Avenida da Estação n.º 8 da 1 às 4. Chamas em casa, Travessa do Alfena, n.º 8.

Testa & Amadores

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO
* FERRAGENS, CEREAIS, E AZEITES *

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY — Telegramas: TESTA
Rua Eça de Queiroz — AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALISADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 9\$00 semestrais ou 12\$00 anuais
N.º 2, 10\$00 " " ou 15\$00 " "
N.º 3, 15\$00 " " ou 20\$00 " "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a UNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acesso aos cofres tem lugar todos os dias uteis, das 10 1/2 ás 15 1/2 horas

"A ELEGANTE,"

ESTABELECIMENTO DE : : : :
FAZENDAS E MODAS

Camisaria e gravataria

ARTIGOS DE NOVIDADE PARA CONFECÇÕES
Perfumarias e bijuterias

— Pompeu da Costa Pereira —
Rua José Estevam AVEIRO Rua Mendes Leite

CIMENTO

Para obras de responsabilidade. Barras de aço para cimento armado. Produtos impermeabilizadores e endurecedores para cimento.

Sociedade Commercial Financeira, Ltd.^a

Telefones. C 197 e 5267.

Rua do Alcázar, 65, 1.º—Lisboa

Eduardo Trindade

Armazem de sedas

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCEARIA

Grande deposito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre.—Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.^a, L^{da}
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacas para livros—Louzas—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Venda de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações
Representante das motocicletas F. N., GLYND e EXCELSIOR
RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

LENÇOS, Gravatas, Damascos, Nobrezas, e outros tecidos de seda. Sedas para bordar e molas para vestidos. Preços de concortencia. Vendidas só por junto. Pedidos a AGOSTINHO DE OLIVEIRA ROCHA & IRMÃO—Rua do Bomjardim 306, 1.º—PORTO.

Alfaiataria

e fazendas

João de Deus Marques & C.^a, L^{da}
Gravataria
Camisaria
e Perfumaria
Rua João Mendonça—AVEIRO

SEDAS-SEDAS-SEDAS

SEDAS largas e estreitas para vestidos, blusas, guarnições e forros. SEDAS para sombrinhas e guarda-chuvas. SEDAS para cortinas de automoveis e trens. SEDAS em meadas para bordar. DAMASCOS DE SEDA para colchas, estojos, paramentos e ornamentações. NOBREZAS DE SEDA, tudo a preços modicos. Tem sempre uma grande variedade em existencia. CASA DAS SEDAS, rua de Santa Catarina, 137—PORTO.

Tomaz Vicente Ferreira

Fatos para passelo e cerimonia. Gabões e capas de agasalho

RUA DIREITA—AVEIRO

Empresa de Louças e Azulejos, L^{da}

AVEIRO-PORTUGAL
Fundada em 1919
Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação-central-de-agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que tem concorrido.
Panneaux decorativos—Louça artística

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10
FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e creança pelos ultimos modelos e minimos preços.
Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

Manuel Maria Moreira

Fazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.
BORDADOS E MIUDEZAS, BANOS
GRUS, BRETANHAS E JAS,
ENXOVAS BABA BARRIGAS
Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Costeira)
AVEIRO

Dicionário Português

do Dr. Cândido de Figueiredo, encadernado, vende-se um, por 75\$00.

Dirigir carta a esta redacção.

Fabrica de Louça e Azulejos

DA PONTE NOVA —Fundada em 1882—
AVEIRO
—DE— Manuel Pedro da Conceição
Premiada em varias exposições

Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

COLEGIO PORTUGUEZ—AVEIRO

Neste Colégio, situado num dos pontos mais centrais da cidade, obedecendo a todos os preceitos da hygiene escolar e pedagogica, com esplendidas instalações elétricas, professam-se os cursos: de instrução primária, todas as disciplinas do curso geral e complementar dos liceus (letras e sciencias), com inglês ou alemão; cursos singulares para todas as disciplinas, incluindo a lingua alemã; arte aplicada, bordados, rendas, pintura, desenho, flores e piano. Corpo docente devidamente diplomado e habilitado.

Recebe alunas para frequentar o Liceu e Escola-primária-superior.

Estabelecimento de fazendas de lã, seda e algodão

José Antunes de Azevedo, Sucessores
RUA DO COMERCIO—AVEIRO
Deposito de diferentes fabricas. Vendidas por atacado e a retalho.
Seguros contra fogo e de vida.

Salgueiro & Filhos, L^{da}

Deposito de tabacos nacionais e estrangeiros
Seguros da Companhia "Sagres," seguradora
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
Rua —D.ª Luísa Cipriana

Batata

Belga, propria para consumo e para semente, a 40 e 45 e 50 cada kilo.
Empresa Central Portuguesa, Lit.^a, proximo da Estação de Aveiro.

Grandes Armazens do Chiado—AVEIRO

Tudo melhor e mais barato.
Completo sortido de todos os artigos proprios para a presente estação.
Unica casa de preço fixo em AVEIRO

